



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

GRACIELE ALVES DOS SANTOS

UM OLHAR SOBRE O AUTISMO

Goiânia

2020



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

UM OLHAR SOBRE O AUTISMO

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

GOIÂNIA

2019

GRACIELE ALVES DOS SANTOS

UM OLHAR SOBRE O AUTISMO

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

Data de defesa: 03 de dezembro de 2019.

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

Prof. Dr. Joãomar Carvalho

Prof. Me. Lucas Dellamare

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida e por ter me guiado até aqui. Aos meus pais que já não estão mais aqui comigo, mas sei que vão ficar orgulhosos de mim, minhas tias, e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, que no início da Universidade se esforçou e me incentivou a não desistir diante das dificuldades encontradas no caminho, a minha mãe, que mesmo lá do céu acredito que sempre esteve olhando por mim. Aos meus professores que durante esses quatro anos compartilharam seus conhecimentos comigo, em especial a minha orientadora, professora Dr.^a Eliani Covem, por não medir esforços em me orientar, com muita paciência e eficiência na elaboração do TCC.

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte desta etapa decisiva em minha vida. E principalmente aos participantes do documentário que dedicaram seu tempo para proporcionar esse filme nessa incrível etapa.

RESUMO

O documentário *Um olhar sobre o Autismo* retrata a realidade do Autismo em crianças e adolescentes. O filme traz depoimentos de mães que se dedicam a entender e cuidar do filho autista. Traz relatos de como é a relação amorosa entre pais e a criança e adolescente autista. O documentário tem ainda por objetivo contribuir para a desmistificação do autismo e esclarecer como ocorre e como as pessoas podem conviver com a criança e adolescente com autismo, facilitando a normalidade dentro do possível da rotina diária deles, sobretudo com afeto e carinho.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário, autismo, inclusão, criança e adolescente, mãe.

ABSTRACT:

The documentary *A look at Autism* portrays the reality of Autism in children and adolescents. The film features testimonials from mothers who are dedicated to understanding and caring for their autistic child. It brings accounts of the love relationship between parents and the autistic child and adolescent. The documentary also aims to contribute to the demystification of autism and to clarify how it occurs and how people can live with the child and adolescent with autism, facilitating normality as much as possible in their daily routine, especially with affection and affection.

KEYWORDS: Documentário, autismo, inclusão, criança e adolescente, mãe.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I.....	10
REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
1. O filme documentário.....	10
1.1 Documentário – conceitos e teorias.....	10
1.2 Documentário – Conceitos e teorias.....	12
1.3 O filme documentário no Brasil.....	14
2. O Autismo	16
2.1 O relacionamento dos pais com os filhos autistas.....	19
CAPÍTULO II	22
MEMORIAL	22
Graciele Alves dos Santos	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS.....	24
APÊNDICES	26
APÊNDICE I ROTEIRO.....	26
APÊNDICE II AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO	35

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo a produção do filme documentário *Um olhar sobre o autismo*, que traz relatos de mães e especialistas de como lidar com a criança e adolescente com a doença.

O Filme documentário é uma produção cinematográfica que tem por foco mostrar a realidade. Nos documentários, são encontradas histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que permitem ao público ver o mundo de uma nova maneira. A capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera compele o espectador a acreditar que a imagem seja a própria realidade rerepresentada diante do público, “ao mesmo tempo em que a história, ou o argumento, apresenta uma maneira distinta de observar essa realidade” (NICHOLS, 2009, p. 28).

O Autismo, “também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), é definido como uma síndrome comportamental que compromete o desenvolvimento motor e psiconeurológico dificultando a cognição, a linguagem e a interação social da criança” (PINTO *et al*, 2016, p. 1). De acordo com os autores, a criança com TEA apresenta como sintomas dificuldade e prejuízos qualitativos da comunicação verbal e não verbal, na interatividade social e na restrição do seu ciclo de atividades e interesses. Neste tipo de transtorno, podem também fazer parte da sintomatologia movimentos estereotipados e maneirismos, assim como padrão de inteligência variável e temperamento extremamente instável. No filme, o médico e a psicóloga

ouvidos fala de forma detalhadas sobre os sintomas e comportamentos da criança e dolescente autista.

Em relação à metodologia empregada neste trabalho, as primeiras iniciativas foram as leituras de teorias e autores, com o objetivo de construir uma fundamentação com embasamento teórico aprofundado. Os autores escolhidos para compor este trabalho viabilizaram conhecimento sobre o que é o Autismo.

Também foi realizado um amplo estudo sobre o produto, o filme documentário, buscando os principais autores que teorizam sobre o tema, para esclarecer sobre as etapas de produção do filme, que envolve pesquisa, produção, gravação, decupagem, elaboração do roteiro e montagem. No caso do filme *Um olhar sobre o Autismo*, a teoria dialogou com a prática o tempo todo, o que possibilitou produzir um documentário de qualidade, com depoimentos escarecedores.

A partir das gravações foi possível vivenciar algo que até o momento era apenas teoria. A junção dos depoimentos gravados com a base teórica trouxe à autora maior clareza sobre o assunto tratado, além de uma compreensão da vivência de uma família com uma criança ou adolescente com TEA.

A maior dificuldade enfrentada, no início da produção do filme, e diante da Pandemia do novo Coronavírus foi conseguir que as fontes quisessem fazer as gravações. Depois de muitas tentativas, conseguiu-se contato com os entrevistados dispostos a dar depoimentos. Alguns deles foram gravados presencialmente e outros por meio de plataforma virtual.

As gravações foram feitas com uma câmera do Celular Android pela autora, que realizou a montagem técnica do filme, a partir do roteiro também elaborado pela autora, com o auxílio de um editor profissional de vídeos que utilizou o Programa de edição Adobe Premiere.

Algumas imagens estavam com uma qualidade satisfatória, outras nem tanto. Durante o processo de montagem foi possível utilizar as cenas que foram feitas das crianças brincando sozinhas, usadas no filme como cenas de cobertura, entre uma entrevista e outra, acompanhadas de trilha sonora, recurso utilizado para dar maior leveza ao filme. Também foram usadas imagens captadas na Internet, com os devidos créditos no filme.

Todo o processo de produção do filme *Um olhar sobre o Atismo* trouxe maturidade, um maior conhecimento sobre o Autismo, além do contato com as mães, a psicóloga e o médico. Ajudou a compreender mais sobre Transtorno do Espectro Autista.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1. O filme documentário

De acordo com Bernard (2008, p.15) uma história é uma narrativa que conta um acontecimento ou uma série de acontecimentos, elaborada de modo a suscitar o interesse do público, seja ele composto de leitores, ouvintes ou espectadores. Em linhas gerais, uma história compreende início, meio e fim. “Tem personagens cativantes, uma tensão crescente e um conflito que chega a alguma espécie de resolução. Envolve o público em um nível emocional e intelectual, motivando os espectadores a querer saber o que acontecerá a seguir”.

O filme documentário é uma dessas narrativas, que conta uma história a partir do ponto de vista do diretor, com locações definidas e personagens escolhidos de acordo com o fio condutor da história.

1.1 Documentário: conceitos e teorias

Diante da pergunta “o que é documentário?”, Rodrigues (2010) conceitua como filmes que mostram/representam a realidade. Mas qual é, afinal, tal estatuto da representação? Em que constitui a relação com a realidade? O argumento que serve de base para a utopia da representação da realidade é falho e não se sustenta com firmeza.

Por um lado, porque é clara a presença da subjetividade em toda e qualquer enunciação, em toda articulação de linguagem. Por outro lado, porque não existem, inscritas no

filme ou fora dele, marcas explícitas que garantam a presença de um real mais que perfeito, e elevado ao estatuto de verdade absoluta. (RODRIGUES, 2010, p. 4)

Para Nichols (2008), para cada documentário, há pelo menos três histórias que se entrelaçam: a do cineasta, a do filme e a do público. De formas diferentes, todas essas histórias são parte daquilo a que se assiste quando se questiona de que se trata um determinado filme. Isso quer dizer que, quando se assiste a um filme, toma-se consciência de que ele provém de algum lugar e de alguém.

De acordo com o autor, o documentário trata do esforço de convencer o público, persuadir ou predispor a uma determinada visão do mundo real em que se vive. O documentário não recorre primeira ou exclusivamente à nossa sensibilidade estética: ele pode divertir ou agradar, mas faz isso em relação ao esforço retórico ou persuasivo dirigido ao mundo social existente. O documentário não só ativa nossa percepção estética (ao contrário de um filme estritamente informativo ou instrutivo), como também ativa nossa consciência social. Isso significa decepção para alguns, “que anseiam pelo prazer de evadir-se para os mundos imaginários da ficção, mas é fonte de estímulo para outros, que desejam ardentemente o engajamento criativo e apaixonado nas questões e interesses prementes do momento” (NICHOLS, 2008, p. 102).

O vídeo e o filme documentário estimulam a epistefilia (o desejo de saber) no público. Transmitem uma lógica informativa, uma retórica persuasiva, uma poética comovente, que prometem informação e conhecimento, descobertas e consciência. O documentário propõe a seu público que a satisfação desse desejo de saber seja uma ocupação comum (NICHOLS, 2008, p.70).

Dialogando com Nichols (2008), Bernard (2008 p.4) ressalta que os documentários “devem ser mais do que um passa-tempo para o espectador, devem demandar seu engajamento ativo, desafiá-lo a pensar sobre o que sabe, como sabe e sobre o que mais pode querer saber”. Um bom documentário confunde expectativas, impele fronteiras para mais além e leva a outros mundos. Ramos segue a mesma linha teórica ao afirmar que:

Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados (RAMOS, 2008, p. 22).

Nos primeiros dez anos do cinema, a preferência pelas atualidades era evidente entre a burguesia ilustrada. Esta preferência pode ser em parte explicada pela rusticidade narrativa das tentativas pioneiras de ficção neste cinema das origens. Mas, deveu-se também a uma ideologia documental que tinha raízes já bem estabelecidas quando o cinematógrafo surgiu. Ideologia por

certo associada ao espírito científico do positivismo reinante no final do século XIX e que adotou a fotografia como um meio privilegiado de inscrição das "verdades do mundo" (DA-RIN, 2004).

De acordo com o autor, naquele contexto de consolidação e divulgação das ciências naturais, a imagem fotoquímica tornou-se um aliado primordial. “Em substituição aos desenhos que até então ilustravam os estudos anatômicos e botânicos, os traços indiciais de que a imagem fotográfica era portadora pareciam dar prova material aos argumentos científicos” (DA-RIN, 2004, p.16).

Nichols (2008) classificou o filme documentário em seis modos distintos, são eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Mais de um modo pode ser usado na produção de um filme documentário. O filme documentário *Um olhar sobre o autismo* foi realizado segundo as características dos modos observativo e expositivo.

No modo observativo, o diretor procura mostrar a realidade tal como ela se apresenta. Nesse sentido, evita qualquer tipo de interferência que leve ao falseamento da realidade. É feito um registro dos acontecimentos, com um discreto afastamento do diretor e da equipe técnica, que não são notados. Portanto, há pouca movimentação de câmera, trilha sonora quase inexistente e não há narração, já que as cenas se expressam por si mesmas.

No modo expositivo, o filme dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes narradas ou em entrevistas, “que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história” (NICOLS, 2008, P. 142). Nesse sentido, os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente.

1.2 Técnica de Produção do documentário

A produção de um filme documentário exige da equipe um amplo trabalho prévio de pesquisa sobre o tema a ser abordado, um levantamento de prováveis personagens a serem entrevistadas e, ainda, o planejamento detalhado de locações de filmagem.

Puccini (2007) considera conveniente estudar a iluminação dos locais de filmagem, a incidência de luz natural e as fontes de eletricidade caso haja a necessidade de luz artificial. As condições de som ambiente também podem criar dificuldades para a captação do som de entrevistas caso o local esteja próximo de fontes de ruído, como fábricas e aeroportos.

O fato de práticamente serem obrigados a reagir a uma situação não planejada, que “ocorre no aqui-agora da filmagem, faz com que a experiência de filmagem se transforme em

um processo de criação instantânea, de construção de um repertório de imagens marcada por uma interpretação de mundo feita pelo cinegrafista” (PUCCINI, 2007, p. 161). Dessa forma,

essa interpretação de mundo é guiada pelas escolhas do olhar do cinegrafista, pelos movimentos de câmera, pelos ajustes da lente (zoom in e zoom out, foco), pela gestualidade do corpo que incorpora a câmera e interage com aqueles que habitam o espaço de mundo ao seu redor. Trata-se de uma escrita automática em que o instrumento câmera passa a ocupar o lugar de um editor de texto. Intenções da cena, que em um roteiro são sempre expressas pela escrita, podem ser construídas no momento da filmagem não só pela participação dos atores diante da câmera mas também pelo próprio trabalho de filmagem, na relação entre câmera e personagem. (PUCCINI, 2007, p.161)

Sobre a entrevista, Lins e Mesquita (2008) aleta que existem alguns aspectos centrais da cultura midiática contemporânea, como instrumento de formação e reconhecimento, que produzem situações inesperadas, como vemos em muitos documentários recentes. Indivíduos desprovidos de uma educação mais formal revelam consciência notável a respeito de sua imagem pública, exibem sabedoria intuitiva do que pode “funcionar” em uma entrevista, às vezes captam na pergunta os aspectos implícitos que apontam para a resposta “certa”, de modo a conquistar segundos de visibilidade. “Esse estado de coisas deve ser levado em conta, sob pena de se imprimir, de modo pouco consciente, maior existência social e mais crédito a pensamentos e emoções que têm origem nos próprios clichês que a televisão faz circular” (LINS E MESQUITA, 2008, p.6).

Depois de todo o material gravado, a decupagem serve para eliminar aquilo que, para o diretor do filme, seriam as “gorduras” da tomada, seus momentos menos representativos. A rigor inverte-se a relação entre plano e tomada que vemos no processo de criação do filme de ficção: o plano, no registro de eventos autônomos de um documentário, será sempre, e tão somente, uma determinação da tomada e não a tomada a determinação da composição de um plano já pré-estabelecido. Como consequência dessa autonomia da tomada, dá-se um aumento significativo da quantidade e diversidade de imagens disponíveis para a montagem. Não se trata mais de escolher a melhor, dentre várias tomadas de um mesmo plano, mas entre várias tomadas que resultarão em vários planos.”Também a montagem passa a ter maior autonomia já que não está submetida a um roteiro prévio. O roteiro da montagem passa a ser o roteiro final do filme. A etapa de montagem passa a ser a etapa de criação do filme” (PUCCINI, 2007, p.167).

Segundo o autor, na etapa de pósprodução do filme, faz-se necessária a escrita de um roteiro que oriente a montagem, um roteiro para a montagem do documentário. Esse roteiro vai conter o resultado de um trabalho de decupagem do material bruto de filmagem e terá como

função não mais orientar diretor, atores ou produtor, mas unicamente o montador, ou editor do filme, uma atividade que normalmente é acompanhada de perto pelo diretor.

Nesse ponto, segundo Puccini (2007) deixa-se o campo de planejamento das filmagens para dar entrada no campo de planejamento da montagem, etapa distinta da primeira por trabalhar com a seleção de um material mais restrito, limitado a um arranjo de combinações dentro do universo das imagens já captadas para o filme.

Se por um lado essa restrição limita o campo de escolha para diretor e montador do filme, por outro esse é o momento em que o documentarista adquire total controle do universo de representação do filme, segundo o autor. É o momento em que a articulação das sequências do filme, entre entrevistas, depoimentos, tomadas em locação, imagens de arquivo, entre outras imagens colocadas à disposição do repertório expressivo do documentarista, em consonância com o som, trará o sentido do filme.

A atividade de roteirização em documentário é a marca no papel desse esforço de aquisição de controle de um universo externo, da remodelação de um real nem sempre repleto de sentido. Roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim. O processo de seleção se inicia já na escolha do tema, desse pedaço de mundo a ser investigado e trabalhado na forma de um filme documentário. Continua com a definição dos personagens e das vozes que darão corpo a essa investigação. Inclui ainda a escolha de locações e cenários, definição de cenas, sequências, até chegar em uma prévia elaboração dos planos de filmagem, enquadramentos, trabalho de câmera e som, entre outros detalhes técnicos que podem contribuir para a qualidade do filme. No final desse percurso escrito, o cineasta terá adquirido noção mais precisa das potencialidades de seu projeto (PUCCINI, 2007). O autor diferencia plano para filmagem e para a montagem:

De início é necessário deixar claro a diferença entre plano e tomada em circunstâncias de filmagem, e plano em circunstâncias de montagem. A rigor o plano corresponde ao pedaço de filme entre dois cortes, essa é a definição que encontramos nos livros teóricos e de orientação prática do cinema. “Plano é a imagem entre dois cortes, ou seja, o tempo de duração entre ligar e desligar a câmera a cada vez. Usado pelo diretor para descrever como o filme será dirigido, é a menor unidade narrativa de um roteiro técnico”, diz Chris Rodrigues. “O plano corresponde a cada tomada de cena, ou seja, à extensão de filme compreendida entre dois cortes, o que significa dizer que o plano é um segmento contínuo da imagem”, diz Ismail Xavier (PUCCINI, 2007, p.164).

Terminada a montagem, na etapa de finalização são inseridos o nome do filme, legendas, créditos finais e música. É feita, então, uma revisão geral para os ajustes necessários para uma produção sem reproensões. O filme finalmente está pronto para chegar às telas e ao público.

1.3 História do documentário no Brasil

O cinema chega ao Brasil em 1896, primeiro no Rio de Janeiro, depois em São Paulo, tornando-se alternativa de lazer e de entretenimento junto com espetáculos de teatros e concertos, que já existiam na época. A primeira sala de exibição foi montada no Rio de Janeiro pelo italiano Pascoal Segreto (GONÇALVES, 2006, p. 80).

De acordo com o autor, numa das viagens à Europa, Afonso Segreto, irmão de Pascoal, realizou a primeira imagem do cinema brasileiro, filmando a Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro, a bordo do navio “Brésil”, que retornava de Paris, trazendo equipamentos cinematográficos novos comprados na França. Essas tomadas documentais eram conhecidas como “tomadas de vista” e prevaleceram até o ano de 1908.

As primeiras filmagens no interior do país foram feitas pela Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, conhecida como Comissão Rondon, que realizou uma série de filmes com registros sobre as expedições. Os filmes contavam quase sempre com direção do major Luiz Thomaz Reis, que operava a câmera, revelava e montava os filmes (GONÇALVES, 2006).

De acordo com (GONÇALVES, 2006. P.82). No moderno documentário brasileiro surgido nos anos 1960, a temática exótica das florestas e seus povos dá lugar a uma temática que busca refletir sobre o subdesenvolvimento do país e a desigualdade social. Surgem alguns filmes que irão antecipar questões estéticas caras à formação do movimento do cinema novo. Paulo César Saraceni dirige, em conjunto com Mário Carneiro, o pioneiro *Arraial do Cabo*, de 1959. No ano seguinte, Linduarte Noronha dirige *Aruanda*, um marco no cinema documental brasileiro.

O final da década de 1990 é especialmente marcante para o documentário brasileiro: a produção de filmes está em franco crescimento, alguns títulos chegam à tela grande, o interesse de público e crítica é cada vez maior. (LINS; MESQUITA, 2008).

“Nós que aqui estamos por vós esperamos”, documentário de 1999, dirigido por Marcelo Masagão, o longa metragem é uma leitura cinematográfica da obra “Era dos Extremos”, do historiador britânico Eric Hobsbawm. Por meio da montagem das imagens produzidas no século 20 e da música composta por Wim Mertens, o filme mostra o período de contrastes entre um mundo que se envolve em dois grandes conflitos internacionais, a banalização da violência, o desenvolvimento tecnológico, a esperança e a loucura das pessoas (UNITOLEDO, 2011)

Notícias de uma Guerra Particular (1999), dirigido por João Moreira Salles e Kátia Lund, é um documentário que conta a história da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro. Um cenário de policiais corruptos, traficantes e usuários em que todos estão submetidos à uma grande guerra diária (ADORO CINEMA, 2001).

Eduardo Coutinho começou as filmagens de *Cabra marcado para morrer* em 1964, cujo trabalho foi interrompido por causa da censura do regime militar. Vinte anos depois Coutinho retoma o filme e lança em 1984, contando a história da morte do líder camponês João Pedro Teixeira. Em 2015, o filme entrou para a lista dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos, da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine). Coutinho realizou documentários memoráveis e criou um estilo próprio que privilegia a entrevista dos personagens, como *Babilônia 2000* (2000), *Edifício Master* (2002), *Jogo de Cena* (2007) (COSTA; ORTIZ, 2017).

A partir da virada do século XX para o século XXI, a condição de cinema marginal vem se modificando. A mídia especializada passou a noticiar um aumento do cinema documentário, tanto na produção quanto na distribuição do gênero. “Os filmes se tornam cada vez mais populares, alcançando o devido status de gênero cinematográfico” (RODRIGUES, 2010, p. 08).

Para o autor, ocorreu um aumento da quantidade de títulos no mercado e nas grandes platéias alcançadas por determinados filmes. A crescente participação de documentários em festivais de cinema, inclusive concorrendo em categorias de melhor filme ao lado de ficções, e o reconhecimento internacional de filmes e cineastas do cinema de não-ficção, atestam o recente sucesso do gênero.

O cinema documentário, com todas as suas possibilidades de temática e linguagem, sugere um resgate das identidades nacionais e a possibilidade do conhecimento de temáticas diversas. Dessa forma, é preciso pensar em meios alternativos de difusão do gênero, de tal maneira que os filmes possam ser assistidos por platéias maiores, pela grande maioria dos brasileiros que não têm acesso ao cinema, à TV a cabo e à Internet (RODRIGUES, 2010).

Na atualidade, o documentário *Democracia em vertigem*, da diretora Petra Costa (2019), narra o período histórico recente do Brasil, com a eleição de Lula, Dilma Rousseff, o impeachment de Dilma e a eleição do candidato da extrema direita, Jair Messias Bolsonaro em 2018, fato que representa para a diretora um o caso da democracia no país e uma ameaça aos direitos civis dos brasileiros. *Democracia em Vertigem* concorreu ao Oscar de 2020, na categoria de melhor documentário. Não ganhou o Oscar, mas teve uma projeção internacional com sua indicação ao prêmio e com a distribuição do filme pela Netflix para 190 países (COVEM, 2020).

2. O Autismo

O autismo, também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como uma síndrome comportamental que compromete o desenvolvimento motor e psiconeurológico dificultando a cognição, a linguagem e a interação social da criança (PINTO *et al.* 2016).

“Sua etiologia ainda é desconhecida, entretanto, a tendência atual é considerá-la como uma síndrome de origem multicausal envolvendo fatores genéticos, neurológicos e sociais da criança” (PINTO *et al.*, 2016, p.2). Estudos apontam que, atualmente, a prevalência mundial do TEA esteja em torno 70 casos para cada 10.000 habitantes, sendo quatro vezes mais frequente em meninos.No Brasil, apesar da escassez de estudos epidemiológicos que possam melhor estimar os dados nacionais, constatou-se em recente pesquisa que os índices de pessoas com autismo são de 27,2 casos para cada 10.000 habitantes (PINTO *et al.* 2016, p. 2).

O reconhecimento dos sintomas manifestados pela criança com autismo é fundamental para se conseguir o diagnóstico precoce. De maneira geral, as manifestações clínicas são identificadas por pais, cuidadores e familiares que experienciam padrões de comportamentos característicos do autismo, tendo em vista as necessidades singulares dessas crianças. Os sinais possuem expressividade variável e geralmente iniciam-se antes dos três anos de idade. A criança com TEA apresenta um comportamento singular, que se caracteriza pela dificuldade e prejuízos qualitativos da comunicação verbal e não verbal, na interatividade social e na restrição do seu ciclo de atividades e interesses. Neste tipo de transtorno, podem também fazer parte dos sintomas movimentos estereotipados e maneirismos, assim como padrão de inteligência variável e temperamento extremamente lábil (PINTO *et al.* 2016, p. 2).

O Transtorno do Espectro Autista foi descoberto há pouco tempo na história das psicopatologias do desenvolvimento. Inicialmente foi considerado pelo psicanalista Bruno Bettelheim, como uma doença relacional, com o foco do problema na relação mãe bebê, originando a expressão “mãe geladeira”, e sua causa associada a fatores ambientais. Porém, na atualidade, considera-se o autismo como de ordem multifatorial, com etiologias variadas e de origem neurológica (MOREIRA, 2005).

Segundo Cunha (2009, p. 20), “o termo ‘autismo’ deriva do grego ‘autos’, que significa ‘por si mesmo’ e, ‘ismo’, condição, tendência”. As crianças observadas pelo psiquiatra austríaco apresentavam as características de isolamento, igualmente demonstrada pelos esquizofrênicos,

dando a impressão de que elas estavam presos em si mesmas. Porém, a diferença era que no autismo esta condição já estava presente desde tenra idade.

No início das pesquisas, notou-se que o autismo tinha maior incidência em lares considerados com problemas afetivos e que, por isso, durante longo tempo, pensou-se que a causa do transtorno estivesse relacionada a problemas psicodinâmicos. Isto porque não era possível encontrar fatores biológicos, que incidissem em testes médicos existentes na época (PAPIM; SANCHES 2013).

De acordo com os autores, a evolução classificatória das causas do autismo permitiu que novas possibilidades fossem analisadas, entre elas, as funções executivas, que são responsáveis pela interação do indivíduo com o ambiente, incluindo pessoas e objetos, e que determinam sua ação.

Se a pessoa desenvolve a Teoria da Mente, essa capacidade permite compreender o faz de conta nos outros, o estado mental das outras pessoas, como seus desejos, crenças e intenções (PAPIM; SANCHES 2013). No autismo esta capacidade fica comprometida e precisa ser estimulada para ser desenvolvida. Para cumprir com esse objetivo, muitos programas interventivos, de cunho cognitivista, passaram a explorar a possibilidade de estimular a aquisição desta competência, desde a década de 1970, quando diversas universidades americanas desenvolveram abordagens para educar autistas (PAPIM; SANCHES 2013).

Em 2013, o Ministério da Saúde do Brasil, em parceria com o Sistema Único de Saúde (SUS), criaram uma cartilha denominada “Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)”. Essas diretrizes têm como objetivo central orientar às equipes multiprofissionais para o cuidado à saúde do indivíduo com TEA e sua família, nos diferentes pontos de atenção da rede de cuidados à pessoa com deficiência. Para elaborar a cartilha, foram utilizados o Código Internacional de Funcionalidade e Incapacidade (CIF) e os sistemas internacionais de Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013).

Como o TEA não tem cura, a busca pelo tratamento específico tem o objetivo de atenuar os déficits apresentados, pois, alguns tratamentos podem ser mais eficazes para uns e menos para outros, em função de cada autista apresentar um nível de desenvolvimento diferente do outro. No entanto, no que se refere ao tratamento, ainda a psicoterapia comportamental é a mais indicada, juntamente com o processo de condicionamento que facilita os cuidados com o autista, tornando-o mais bem estruturado emocionalmente e mais organizado (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

Crianças com autismo apresentam de forma comum problemas de comportamento, muitas vezes bastante severos, que incluem hiperatividade, dificuldade de prestar e manter atenção, atenção hiperseletiva e impulsividade. Também manifestam comportamentos agressivos, autodestrutivos, perturbadores e destrutivos. Especialmente em crianças mais novas, comumente se observa uma baixa tolerância à frustração, acompanhada por acessos de raiva e escândalos, como jogar-se no chão, gritar, chorar, bater com a cabeça, se morder, bater nos outros. (BARBARESI *et al.*, 2005).

Enfrentando essas dificuldades comportamentais, a psicoterapia tem como objetivo auxiliar a interpretar a linguagem corporal, a comunicação não verbal, a aprendizagem e também as emoções e as interações sociais (SILVA *et al.*, 2000). A terapia cognitivo comportamental (TCC) contribui para o ensinamento dos autistas em relação a diferentes formas de usar, recordar e processar as informações, como treinamento de autoinstrução (WHITMAN, 2015).

Outro método de tratamento do indivíduo com TEA é a musicoterapia. É uma técnica de terapia que recorre à música com o objetivo de ressaltar as potencialidades por meio da aplicação de metodologias e técnicas, juntamente com outras capacidades, incluindo a cognição (PAREDES, 2012).

2.10 relacionamento dos pais com os filhos autistas

A artista plástica Simarli Antunes de Souza Oliveira teve o filho e foi acompanhando seu desenvolvimento. Foi com menos de um ano que a criança começou a esquecer as coisas que já sabia fazer, como bater palmas.

Ele não tinha contato visual, e o comportamento dele mudou, pois ele agia como se não ouvisse. Sofremos com o preconceito, as pessoas não têm conhecimento, até a própria mídia às vezes divulga de forma errada, porque o autista para muitos é aquele inteligente, superdotado, e a nossa realidade é bem diferente (OLIVEIRA, 2020)¹

Sobre como enfrenta os momentos de crise do filho, Simarli afirma que geralmente tenta entender. “Quando eu não entendo eu deixo aquele momento passar, às vezes eu abraço às vezes eu dou carinho, às vezes eu mudo o foco. Porque às vezes a gente não consegue compreender realmente” (OLIVEIRA, 2020). A artista plástica conta que agora o filho está mais independente, pois já come só, toma banho, penteia o cabelo, escova os dentes, “para certas coisas ele não precisa de mim o tempo todo”.

¹ Entrevista transcrita do documentário Um Olhar sobre o autismo (2020).

A professora Wanessa Rodrigues de Oliveira Pimentel explica que o filho dela, o Luiz Cláudio, tinha dificuldade aprendizagem, dificuldades na fala, não gostava de sair para lugares estranhos e chorava muito na época.

Eu dava aula para uma turminha da idade dele, os meninos desenvolviam e ele brincava diferente. Ele nunca brincou igual aos outros meninos, que era de encaixar, colocar blocos em cima um do outro, e o Luiz Cláudio não gostava. Ele gostava de brincar de rodar a rodinha do carrinho, a bicicletinha e o velocípede também gostava de brincar sentado nele, e um dia numa quadrinha, na escola em que eu trabalhava, eu o levei e ele começou a chorar, com três anos mais ou menos. Um colega meu que estava fazendo faculdade na época, me disse que ele era Autista. Até então nunca tinha ouvido falar nessa palavra. No final de semana seguinte a gente teve uma reunião com a palestrante, que falava sobre a inclusão, a Viviane, e aí eu perguntei para ela o que que era. E ela me perguntou porque que eu estava perguntando sobre isso. Naquela época era muito difícil alguém querer saber sobre o Autismo (PIMENTEL, 2020)².

Para Pimentel a criança autista é diferente das outras crianças, na forma de brincar na forma de agir, no jeito de falar. Eles costumam falar como se estivessem em terceira pessoa, usam repetir o nome deles.

Então eu falo: Luiz Cláudio você quer água? Ele fala Luiz Cláudio não quer água! Eu perguntava: Luiz Cláudio você quer mamar? Ele respondia o Luiz Cláudio não quer mamar!. Então ele usava o nome dele e repetir a frase falando se ele queria ou não, então a fala deles é bem comprometida, é bem repetitiva, isso aí por ele ser filho único né, eu achava porque era manhã, diversos fatores, mas nunca que poderia ser autismo porque era pouco falado. Então na época não tinha o exame, o médico neurologista é neuropediatra, eu levei para fazer a consulta, ele perguntou sobre a gestação, sobre o pré-natal, sobre todo o processo, eu falei que foi tudo tranquilo que eu fiz todos os exames, eu fiz um acompanhamento na rede particular, e na rede pública usei os dois, fiz todos os exames que precisava, com acompanhamento certinho gestacional, e não tinha nada de errado (PIMENTEL, 2020).

“Até então o que que ele me falou, que eu esperasse uns vinte dias para o retorno para ele me dar uma resposta, e essa espera de vinte dias parece que é uma eternidade”, afirma Pimentel (2020).

Quando eu cheguei lá ele falou para mim: seu filho é síndrome de Asperger, é autista e tudo que eu falar sobre autismo agora para você mãe, não vai ser suficiente, então eu vou te indicar uns livros, algumas literaturas para você poder ler para saber o que é autismo, como enfrentar, porque tudo que eu disser no momento não vai ser o suficiente para a vida do seu filho (PIMENTEL, 2020).

O apresentador de TV, Marcos Mion, somente em 2014 revelou à sociedade e à mídia que seu filho Romeo é autista. A partir desta época, Mion passou a fazer vídeos e dar palestras sobre o autismo, com o objetivo de ajudar outras famílias e outros pais. O apresentador dá dicas de relacionamento.

² Entrevista transcrita do documentário Um Olhar sobre o autismo (2020).

Se o seu filho autista tem uma vontade, um interesse, um hiperfoco, apoie. Na verdade, esse conselho não é apenas para pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Mas, no universo do TEA, acontece de muitos pais cortarem o hiperfoco por se aborrecerem, não terem paciência ou, simplesmente, por não entenderem. “Não aguento mais meu filho falando só disso, assistindo só isso!” Resumindo: autismo não é doença, é uma forma diferente de funcionamento. E o que faz alguém diferente é o que lhe faz bonito! Autismo não é incapacidade, pelo contrário. Se conseguir trabalhar bem nas terapias e se fizer o autista se desenvolver, ele pode ser uma luz, uma inspiração, uma bênção para milhares de pessoas (MION, 2020).

O apresentador de TV diz ter aprendido muito com o filho. “Sem ele, eu teria passado por essa vida sem conhecer o autismo, sem achar meu propósito e não seria nem sequer uma sombra do homem que sou. Ele é a maior força motora da minha vida”. Mion explica que sem o filho Romeo ele não estaria ajudando milhões de famílias, não estaria batalhando tanto por milhões de pessoas autistas que nunca nem vamos conhecer pessoalmente.

CAPÍTULO II

MEMORIAL

Graciele Alves dos Santos

Desde o começo do curso, sempre pensei em fazer um documentário, pois foi uma das disciplinas que tive o prazer de assistir as aulas e foi quando eu me interessei muito por esse tipo de produção. No início, obviamente, não havia pensado em um tema. Ao falar com a professora Eliani cheguei a conclusão que abordar o Autismo seria de grande importância para a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme documentário representa um papel importante no contexto social. Quando aborda temas desafiadores ou esclarecedores, que normalmente não são discutidos pela mídia com maior espaço. Com este pensamento, construiu-se, então, uma narrativa que pudesse trazer este contexto e pudesse servir como reflexão.

O documentário Um olhar sobre o autismo foi um trabalho que trouxe grande aprendizagem pois entender mais sobre o Transtorno do Espectro Autista, e a importância que divulgar mais sobre essa singularidade na área da saúde é de grande relevância. Conclui-se que, a partir dos diagnósticos e acompanhamentos, como as mostradas no filme, é possível desenvolver melhores habilidades de aprendizados na criança.

REFERÊNCIAS

ADORO CINEMA. *Notícias de uma guerra particular*, 2001. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-22471/> cesso em: 22 maio 2020.

Barbaresi, W. J., Katusic, S. K., Colligan, R. C., Weaver, A. L., & Jacobsen, S. J. The incidence of autism in Olmsted County, Minnesota, 1976-1997: Results from a populationbased study. *Archive of Pediatric and Adolescent Medicine*, 2005.

BERNARD, Sheila Curran. *Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

COSTA, Natália Rodrigues Moreira Amado; ORTIZ, Pedro Henrique Folco. *Métodos e personagens no documentário de Eduardo Coutinho*, 2017. Disponível em: <http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/25/metodos-e-personagens-no-documentario-de-eduardo-coutinho.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2020.

COVEM, Eliani de Fátima Queiroz. *Democracia em vertigem: uma narrativa documental que vai além da mera representação*. Revista Panorama, V. 10, N. 1, 2020. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/8126/4686> Acesso em: 22 out. 2020.

CUNHA, Eugênio. *Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

DA-RIN, Silvio. *Espelho partido: tradição e transformação do documentário*. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

GONÇALVES, Gustavo Soranz. *Panorama do documentário no Brasil*. Centro Universitário do Norte – Uninorte/Amazonas, p. 79 a 91, 2006.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Claudia. Aspectos do documentário brasileiro contemporâneo (1999-2007). In: BAPTISTA, M; MASCARELLO, F. *Cinema mundial contemporâneo*. Campinas: Papirus, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do Espectro Autismo (TEA)*, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf . Acesso em: 12 out. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Linha de cuidado para atenção às pessoas com transtorno do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do Sistema Único de Saúde*, 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf Acesso em: 02 out. 2020.

MION, Marcos. "*O autismo me deu um propósito*", diz Marcos Mion. Revista Crescer, 2020. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Colunistas/Marcos-Mion-Pai-Nivel-Hard/noticia/2020/01/marcos-mion-o-autismo-me-deu-um-proposito-diz-marcos-mion.html> Acesso em: 28 nov 2020.

MOREIRA, Patrícia Schiewe Torres. *Autismo: a difícil arte de educar*. 2005. Disponível em: <http://www.universoautista.com.br/materia/autismopesquisa.pdf> . Acesso em: 12 out. 2020.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2005.

PAPIM, Angelo Antonio Puzipe; SANCHES, Kelly Gil. *Autismo e inclusão: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do atendimento educacional especializado em sua prática com crianças com autismo*. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica Salesiano Auxilium, Lin, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56194.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

PAREDES, Sônia dos Santos Gonçalves. *O papel da musicoterapia no desenvolvimento cognitivo nas crianças com perturbação do espectro do autismo*. Dissertação (mestrado) Ciências da Educação. Escola Superior de Educação Almeida Garret - Área de Especialização em Educação Especial. Braga, Portugal. 2012.

PINTO Rayssa Naftaly Muniz; TORQUATO, Isolda Maria Barros; COLLET, Neusa; REICHERT, Altamira Pereira da Silva; SOUZA NETO Vinicius Lino; SARAIVA, Alynne Memdonça. *Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares*. Revista Gaúcha Enferm. [online]. 2016, vol.37, n.3. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1983-14472016000300413&lng=en&nrm=iso&tlng=pt . Acesso em: 02 abr. 2020.

PUCCINI, Sérgio José. *Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção*. 2007, 239 f. Tese (Doutorado em Multimeios) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo. 2007.

RODRIGUES, Flávia Lima. *Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro*. CES Revista, Vol. 24, Juiz de Fora, 2010.

SILVA, Lúcia mata Giunt da et al. *Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal*. Rev. Latino-Am. Enfermagem vol.8 no.4 Ribeirão Preto, 2000. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-1169200000400008 Acesso em: 12 ago. 2020.

UNITOLEDO. *Memória do século 20 é tema central de documentário exibido nesta sexta-feira*, 2011. Disponível em: <http://www.unitoledo.br/noticias/importadas/2011/memoria-do-seculo-20-e-tema-central-de-documentario-exibido-nesta-sexta-feira/>. Acesso em: 22 set. 2020.

<p>Imagens Cena 01- Abertura</p> <p>00'00" a 00'15" – Cena da abertura do vídeo: Arquivo A: autismo e cena mãe com a criança – vídeo terapia ABA</p>	<p>Vídeo</p> <p>Mostra crianças e pais</p>	<p>WHITMAN, Thomas. <i>O desenvolvimento do autismo</i>. São Paulo: M.Books, 2015.</p>
<p>Cena 02- Nome do Filme</p> <p>00'16" a 00'22"</p>	<p>Um olhar sobre o Autismo Nome com transição aparecendo no vídeo Trilha sonora de fundo pode ser a mesma do vídeo do arquivo A</p>	
<p>Cena 03 – Dr. Eduardo</p> <p>00'24" a 02'08"</p>	<p>“O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por um déficit, diversas áreas na área</p>	

	<p>comportamental, você pode ter alguns atrasos motores sensoriais, pode ou não ter um atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem. Em torno de 20% tem atraso de fala e linguagem, e 80% não tem. Mas a questão da fala não entra nos critérios de diagnóstico. Mas ela pode estar presente no Transtorno do Espectro Autista. Então o Transtorno do neurodesenvolvimento que a gente ainda não tem ainda uma etiologia uma causa definida. Em algumas situações a gente consegue ter um diagnóstico etiológico. No caso de autismo secundário, no caso de lesões cerebrais, algumas síndromes genéticas, que pode ter como autismo manifestação de sintomas da síndrome, como a síndrome de Rett, Síndrome do X frágil, que o paciente desenvolve comportamentos que enquadraria pelos critérios de diagnóstico do Transtorno Espectro Autista. Em torno de 20 a 30% nos pacientes a gente consegue ter o diagnóstico, etiológico genético. A gente faz a pesquisa genética, e consegue encontrar uma causa genética para o Transtorno Espectro Autista, mas a grande maioria a gente não tem ainda diagnóstico etiológico. ”</p>
<p>Cena 04 – Simarilly - 02’09” A 02’50”</p>	<p>Foi com menos de um ano que ele começou a esquecer as coisas que ele já sabia fazer, como bater palmas, não tinha contato visual, e o comportamento dele mudou ele agia como se não ouvisse. E me conta um pouco de dificuldades enfrentadas nas ruas, na escola, na alfabetização? O preconceito, as pessoas não tem conhecimento, até a própria mídia às vezes divulga de forma errada, porque o autista para muitos é aquele inteligente, superdotado, e a nossa realidade é bem diferente</p>

<p>Cena 04 – Wanessa mãe 2</p> <p>02’52” a 04’19”</p>	<p>“O Luiz Cláudio tinha dificuldade aprendizagem, dificuldades na fala, ele não gostava de sair em lugares estranhos, ele chorava muito na época, eu dava aula para uma turminha da idade dele, os meninos desenvolviam e ele brincava diferente ele nunca brincou igual os outros meninos, que era de encaixar colocar blocos em cima do outro, e o Luiz Cláudio não gostava. Ele gostava de brincar de rodar a rodinha do carrinho, a bicicletinha e o velocípede também gostava de brincar sentado nele, e um dia numa quadrilha, na escola em que eu trabalhava levei ele ele começou a chorar com 3 anos mais ou menos, e um colega meu que estava fazendo faculdade na época, me disse que ele era Autista, até então nunca tinha ouvido falar nessa palavra, E aí a gente tinha uma reunião no outro final de semana com a palestrante, o que falava sobre a inclusão, a Viviane, e aí eu perguntei para ela o que que era. E ela me perguntou porque que eu estava perguntando sobre isso. Naquela época era muito difícil alguém querer saber sobre o Autismo”.</p>
<p>Cena - 04’20” a 05’31” – Dr. Eduardo</p>	<p>O autismo hoje não tem cura, a gente tem melhoras, o Transtorno do Espectro Autista a gente faz um diagnóstico clínico, a gente não tem uma etiologia, na maioria das vezes a gente não tem uma causa específica, e não existe um tratamento específico medicamentoso, o tratamento é feito através de terapias, com Fono, Psicologia, Terapia ocupacional, a gente tem um apoio também da Musicoterapia, Ecoterapia, Psicopedagogia, então o tratamento multiprofissional. E a gente teve bons resultados, os pacientes pode ter uma evolução clínica muito boa, principalmente relacionado ao diagnóstico precoce, por isso é muito importante o diagnóstico precoce, quanto menor a idade da criança, melhor os resultados com a</p>

	<p>estimulação. Então você pode ter bons resultados uma boa resposta clínica, mais uma cura um tratamento medicamentos específico a gente ainda não tem para o Transtorno Espectro Autista”.</p>
<p>Cena 05 –Psicóloga Ludmilla fala 1 05’32” a 06’17”</p>	<p>“Os desafios quando se trata de uma criança que está dentro do Transtorno Espectro Autista são muitos desafios mesmo, mas eu sempre oriento à procura de uma equipe profissional de confiança que a família se sente acolhida, e que realmente deposite ali nesses profissionais a confiança para conseguir o desenvolvimento, conseguir enfim alcançar conquistas ao desenvolvimento da criança, E até mesmo a saúde mental da própria família Por que neste contexto a gente não trata somente a criança, mas é um desafio familiar enfim envolve todo mundo. Então englobar essa conquista vencer os desafios, sempre tem que ser acompanhado por uma equipe, para que posso não somente ajudar a criança mas também a família”.</p>
<p>Cena 06 – Psicóloga Ludmilla Fala 2 6’20” a 7’23”</p>	<p>“Quando se trata do TEA, que a gente está conversando aqui a criança ela tem sua particularidade, ela tem seus desafios específicos, ela tem um plano específico de intervenção para ela, então a tranquilidade da criança vem dela se sentir cuidada, amada, vem no seu desenvolvimento ela está melhorando, a gente não tá falando de uma doença a gente não tá falando de algo, que não muda pelo contrário, assim como desenvolvimento da criança, o diagnóstico ele anda várias vertentes, então uma criança tranquila é uma criança amada e tem sido cuidada que tem uma para o profissional. Que conta com essa paciência com esse interesse dos pais, e dentro da intervenção específica tem várias dinâmicas, que é o acompanhante terapêutico em casa, estimulações específicas, nas áreas que ela tem mais dificuldade, em um acolhimento da família, então vai todo</p>

	esse contexto, não se trata de um comportamento isolado”.
Cena 07 - 07'23 a 08'21 – Dr. Eduardo	“O diagnóstico do Transtorno Espectro Autista, é um diagnóstico exclusivamente clínico, não é necessário a realização de exames, O diagnóstico é baseado em critérios clínicos. A gente segue o critério da Diretriz Americana de Psiquiatria que é o DSM-5, e os critérios para você de fechar o diagnóstico e dizer, que uma criança ou adulto é autista, seria: o primeiro critério, dificuldades de comunicação e socialização. A comunicação não é a fala, como eu havia dito 80% dos autistas tem atraso de fala mas 20% não tem atraso de fala, o critério seria comunicação. A criança tem uma dificuldade em manter uma comunicação, chegar nos ambientes e ter essa comunicação, socializar bem, socializar com os iguais, no caso a criança socializar com outras crianças então esse seria o primeiro critério”.
Cena 08- Mãe 1 Simarlyly 08'22 a 9'00”	“O que faz nos momentos de crise? Geralmente eu tento entender, quando eu não entendo eu deixo aquele momento passar, às vezes eu abraço às vezes eu dou carinho, às vezes eu mudo o foco. Porque às vezes a gente não consegue compreender realmente. Simarlyly e quais são as principais conquistas dele diariamente assim que você tem notado? Eu consegui por ter começado cedo, que ele fosse um pouco mais independente, hoje ele come só, toma banho, penteia o cabelo, escova, certas coisas ele não precisa de mim o tempo todo”.
Cena 09 – Filho da Simarlyly 09'01 a 09'35	Vídeo dele pintando ..., juntar com a cena e trilha sonora do próximo vídeo do (Arthur e o infinito..) Vídeo do Arthur e o Infinito – Um olhar sobre o Autismo – LINK YOUTUBE
Cena 10 – Wanessa fala 2 9'37” a 11'34”	“A criança autista ela é diferente das outras crianças, na forma de brincar na forma de agir, no jeito de falar, eles costumam falar que eles estão em

	<p>terceira pessoa, então eles usam repetir o nome deles, igual Luiz Cláudio eu falo: Luiz Cláudio você quer água? Ele fala Luiz Cláudio não quer água! Eu perguntava: Luiz Cláudio você quer mamar? Ele respondia o Luiz Cláudio não quer mamar!. Então ele usava o nome dele e repetir a frase falando se ele queria ou não, então a fala deles é bem comprometida, é bem repetitiva, isso aí por ele ser filho único né, eu achava porque era manhã, diversos fatores, mas nunca que poderia ser autismo porque era pouco falado, então na época não tinha o exame, o médico neurologista é neuropediatra, eu levei para fazer a consulta, ele perguntou sobre a gestação, sobre o pré-natal, sobre todo o processo, eu falei que foi tudo tranquilo que eu fiz todos os exames, eu fiz um acompanhamento na rede particular, e na rede pública usei os dois, fiz todos os exames que precisavam, com acompanhamento certinho gestacional, e não tinha nada de errado, até então o que que ele me falou, que eu esperasse 20 dias para o retorno para ele me dar uma resposta, e essa espera de 20 dias parece que é uma eternidade, quando eu cheguei lá ele falou para mim, seu filho é síndrome de Asperger, é autista, e tudo que eu falar sobre autismo agora para você mãe, não vai ser suficiente, então eu vou te indicar uns livros, algumas literaturas para você poder ler para saber o que é autismo, como enfrentar, porque tudo que eu disser no momento não vai ser o suficiente para a vida do seu filho".</p>
<p>Cena 11 – Vídeo Arthur e o infinito.</p> <p>11'35" a 12'04"</p>	<p>Cena da criança brincando sozinha</p>
<p>Cena 12 – psicóloga Ludmilla</p> <p>12'07" a 13'42"</p>	<p>"Tem um senso comum negativo de que crianças ou quem tem o TEA não tem sentimento, não tenho afeto porque não conversa, isso não é verdade, quem tem autismo ele tem sim sentimento, ele tem sim né afeto, ele tem emoções, ele tem sentimento de forma normal, vamos</p>

	<p>dizer que às vezes ele não expressa de maneira comum e tudo mais, mas como eu disse, nós na verdade acreditamos muito, não poder relacional, especialmente também inclui as crianças autistas, que elas tem sim então existe essa relação existe esse afeto, se ele não é expressado da maneira comum, no tempo comum como todas as pessoas esperam, enfim, pessoas que estão foras do Espectro Autista, mas existe essa relação pai e mãe, inclusive no tratamento de intervenção para que haja um desenvolvimento da criança, nós usamos e muito essa relação do pai e filho da mãe, porque eles são as principais pessoas, que tem o papel principal na melhora no desenvolvimento da criança e do filho então existe essa relação existe esse amor essa troca de carinho esse afeto que às vezes não vem de uma forma tradicional que as pessoas estão acostumada mas ela existe sim e é uma ferramenta poderosíssima no desenvolvimento e na melhora da criança".</p>
<p>Cena 13 – Wanessa 13'44" a 15'47"</p>	<p>“Eu conheço muitas crianças que são autistas, que são amorosas outros que não suportam toque, que eles tem uma sensibilidade muito alta, sensibilidade à luz, sentem sensibilidade ao som, eles tem muita sensibilidade a tudo, parece que ele senta em duas ou três vezes mais do que a gente, então para chegar no autista a gente tem que ter um certo cuidado certo observação, melhor conhecimento da pessoa para poder chegar mais próximo deles para não deixar eles, para não deixar eles fora do eixo, para não ficarem perdidos, nem com crises, porque eles dão crises também por causa de uma luz piscando, eles vão crise porque tem uma música tocando com problema na música com repetição, isso provoca neles uma ansiedade muito grande, um descontrole sensorial para eles. Então é estou sempre atenta tudo que está em volta do Luiz Cláudio para poder</p>

	<p>acalmar ele. Porque a maioria das crianças Autista são assim, uma luz diferente uma pescada de luz uma queda de energia, queda de energia aqui em casa dá muito problema, a internet quando cai dá muito problema, quando falta água, tudo que sair fora da rotina causa transtorno, causa sim crise de ansiedade, Pânico, de perguntar e eles são muito repetitivos, pergunta uma coisa o dia inteirinho, então tem gente que não tem paciência para responder, para estar ouvindo, tem hora que até eu mesmo entro em Pânico, respiro fundo e penso tenho que controlar porque, se eu não me controlar como ele vai se controlar também".</p>
<p>Cena 14 – Dr. Eduardo 15'48" a 18'18"</p>	<p>“Com relação ao segundo critério, o segundo critério clínico que a gente utiliza, eu comportamento repetitivo eu gosto por rotina, é uma criança que tem sempre o comportamento, observado pela família, que comportamento repetitivo, e gosta muito de rotina, vou dar alguns exemplos aqui para vocês: o comportamento repetitivo por exemplo a criança que gosta sempre de enfileirar objetos, tem um fascínio por objetos que giram, às vezes gosta de virar o carrinho fica virando rodinha, gosta de ficar olhando para o ventilador objeto que gira, objetos que tenham movimento contínuo, crianças às vezes assistir o mesmo desenho, senta no mesmo lugar na mesa, gosta sempre de está com um tipo específico de roupa, ou um objeto frequente, escolha um brinquedo para sempre estar com ele, então esse comportamento repetitivo, esse gosto por a rotina às vezes, cria um rituais, uma sequência por exemplo, para tomar banho tem que seguir uma sequência, ou na hora de dormir tem que seguir uma sequência um ritual, então isso é muito comum. O terceiro critério seria os movimentos estereotipados, O que são estereotipias, criança andar na pontinha</p>

	<p>dos pés, o que acontece com frequência, a gente tem movimento de mãos né, a criança às vezes fica feliz eufórica, ela faz movimento de mãos, às vezes ela bate palma, ela pula ela gira, e a gente tem também alguns movimentos estereotipados vocais, a criança às vezes em algumas situações específicas elas emitem um som característico, às vezes na situação em que ela está feliz em relação específica, sempre acontece dela emitir um som. Então essas são as estereotípias. Que são muito frequente que entra os critérios do diagnóstico do Transtorno Espectro Autista. E o último critério seria com relação a idade, os sintomas características, tem que ter iniciado na primeira infância, então mesmo se você estiver avaliando um adolescente ou um adulto, você tem que levar em consideração que essas características, tem esses comportamentos tem que ter iniciado na primeira infância, então estes são os critérios de acordo com o DSM-5, para você fechar um diagnóstico do Transtorno Espectro Autista”.</p>
<p>Cena 15 – Cena do documentário MEU EU AUTISTA – 18’19” a “19’03”</p>	<p>Imagem das crianças autista</p>
<p>Cena 16 - 19’04” a ‘20’49”</p>	<p>Vídeo Marcos Mion (vídeo:Como eu sei se meu filho é autista?)</p>
<p>Cena 17 - 20’48” a 21’19”</p>	<p>Vídeo Marcos Mion (Vídeo: Como é a relação de Marcos Mion com o Filho Romeo?)</p>
<p>Cena 18 - Créditos finais</p>	<p>Encerramento mais créditos.</p>

APÊNDICE II
AUTORIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO

Eu Graciele Alves dos Santos, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2020, autorizo a Universidade a reproduzir a obra feita para o trabalho de conclusão de curso.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO nº 038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante *Graciele Alves dos Santos* do Curso de Jornalismo, matrícula *20172.012.700587*, telefone: *(62) 98220-6993* e-mail *Gracielestros1@gmail.com* na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Um Olhar sobre o Autor*, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 01 de dezembro de 2020.

Assinatura do(s) autor(es): *Graciele Alves dos Santos*

Nome completo do autor: *Graciele Alves dos Santos*

Assinatura do professor-orientador:

Eliani de F. Covem Queiroz

Eliani de Fátima Covem Queiroz